

COM OU SEM SAPATOS

Por Evelyn Puig

Puig, Evelyn Fils, 1926-2012

Com ou sem sapatos / Evelyn Fils Puig; tradução de Tatjana Enomoto. –
Rio de Janeiro, 2012.

Primeira Edição, 2012

Tradução e revisão por:
Tatjana Horbenko-Enomoto
Wanilda de Almeida Louro

Revisão e formatação final por:
Alline Serpa

Ilustração de Capa por:
Xxxxxxxxxxx

*Impressão por **Letras e Versos**, Rio de Janeiro, Brasil*

Índice

<i>Um sapato velho no meio da rua</i>	6
<i>Comprada e não paga</i>	13
<i>Nem um minuto a mais</i>	17
<i>Lágrimas e Dentes</i>	21
<i>Apreciado e honrado</i>	24
<i>Uma pilha de pratos e um pedido de desculpa</i>	29
<i>Lorena perde seu sapato</i>	33
<i>Uma carta vai</i>	37
<i>Catorze folhas de palmeira</i>	42
<i>Chega uma carta</i>	45
<i>A gaiola dourada</i>	51
<i>Chuva (quatro hospitais e nenhum leite)</i>	56
<i>Irmã Ana</i>	59
<i>Com ou sem sapatos</i>	62

UM Sapato VELHO NO MEIO DA RUA

A água brilhava ao por do sol, correndo por entre os paralelepípedos, com reflexos dourados e prateados, poças d'água parecendo pequenos lagos ocupavam os lugares onde as pedrinhas estavam faltando. Com passos leves e os braços balançando, Lorena pulava sobre elas.

Tinha chovido muito naquela tarde, por volta das 3 horas – como sempre acontece nesta época do ano – mas agora o céu estava novamente azul, cheio de flocos brancos formando nuvens aqui e acolá e o ar era puro e limpo. Lorena estava admirada como se podia sentir o cheiro que exalava das pedras quentes. Uma delícia...

Ocupada com a sua brincadeira de pular sobre as pedrinhas, não olhava muito ao redor da velha estrada. Ela a conhecia bem. As casinhas eram pequenas e coloridas (como se quisessem dizer: estamos velhinhas, mas não estamos tristes!) e ela sabia que nas ruas mais modernas da cidade tudo era diferente, existiam edifícios altos e elegantes, mas nunca tão coloridos.

Agora ela estava passando pela igreja. Qual delas era a Nossa Senhora de Lourdes? Havia tantas igrejas em Salvador. Alguns livros diziam que havia 365, uma para cada dia do ano, nesta antiga cidade, Salvador, a primeira capital do Brasil. Lorena tinha aprendido isso na escola.

Escola...! Ela tinha que se apressar. Aí – ela quase tropeçou num sapato velho. Um pé de sapato no meio da rua... Ela o apanhou com dois dedos e perguntou rindo: “O que você está fazendo aqui? E o que aconteceu com o outro pé?” O sapato, que um dia devia ter sido marrom, tinha agora uma cor cinza desbotado como se tivesse sido encharcado muitas vezes pela água e secado também muitas vezes ao sol, não respondeu, é claro, mas uma tosse que veio por de trás fez com que ela se virasse notando um velho homem, sentado embaixo de uma mangueira perto do portão da igreja. O velho olhou para ela e

tossiu novamente. Em frente dele estava estirada uma perna e, apoiadas na árvore ao lado, havia um par de muletas. O pé estava descalço e marrom.

Ela se aproximou. “Seu sapato?” perguntou. Ele balançou a cabeça solenemente, enquanto Lorena notava a barba grisalha, as rugas em volta dos olhos e da boca, a cavidade de suas bochechas...

“Você o perdeu?”

“Alguns meninos jogaram futebol com ele e deixaram-no entre as poças d'água.”

“Que estupidez!”, desabafou Lorena, “devia ter sido difícil para você pegá-lo!”

Ela não gostava da crueldade impensada, mas notou, para a surpresa sua, que o homem de uma perna só, não parecia amargurado. Um sorriso estendia-se pelo rosto já enrugado, sorriso que parecia subir até os olhos brilhantes,

“Hum”... Disse ele.

Enquanto calçava habilmente o sapato em seu pé, ela notou, pela abertura da camisa estampada em cinza e azul, ocupando quase todo o lado direito de seu peito, uma imensa chaga muito vermelha!

“Quer ajuda?” perguntou, acenando para as muletas.

Meneando a cabeça ele respondeu: “Não quero ir agora, pois a missa das seis é a que geralmente me trás alguns reais.”

“Será que muitas pessoas ricas vão à missa?”

Ele fez uma cara duvidosa: “Não são necessariamente os ricos que dão, são pessoas pobres que dão para outras pessoas.” Ela viu a caneca de metal no colo dele. Havia dentro dela algumas moedas e ela perguntou curiosa: “Tem sido um bom dia?”

O velho balançou a cabeça negativamente enquanto a observava. Lorena deveria ter uns doze ou treze anos, alta e magra com um rosto vivo e cabelos pretos cacheados. A blusa de uniforme escolar era branca e, a saia, bem passada, era azul escuro. Surpreendentes eram seus olhos, cinza claro em contraste com a pele morena.

“Sou Lorena, sinto muito,” ela disse “não posso ficar até a missa acabar”. “Gostaria ter ajudado você a se levantar, mas tenho que estar de volta, no colégio, às seis. Já estou atrasada. Enfim, sempre me atraso – não sei como acontece” suspirou...

“O que eles fazem quando você se atrasa?”

“Elas resmungam...” Quando ela sorria os cantos da boca ficavam voltados para baixo dando-lhe um ar maroto.

“Você está naquele orfanato nesta rua um pouco mais abaixo?”

“Claro.”

“Não deve ser muito divertido por lá!”

“É sim, tudo bem. Estudos e bastante comida. Divirto-me com as meninas e temos bons jogos de vólibol.”

“Você é uma campeã?”

Lorena orgulhosamente levantou o queixo e, com os olhos brilhando, respondeu: “Sim, eu sou. Este é o motivo pelo qual eles me mantêm lá, embora eu já tenha mais de 12 anos de idade. Eu jogo pela escola e os ajudo. Mas, depois...” ela exclamou, fazendo uma pausa.

“E o que vem depois?”

“Alguma família vem e adota você... ou melhor, compra você!” Ela viu o seu olhar espantado e suas sobrancelhas levantadas. “Quero dizer, eles não pagam por você ou algo parecido, eles dão todos os

dados certos, dizem que você se torna parte da família deles, mas na verdade, tudo isso é uma barganha. Eles tiram você do orfanato e, em troca, você tem que trabalhar para eles. Meninas são sempre bem-vindas, pois elas se tornam boas empregadas domésticas.”

“Isso não soa tão bem, mas, com certeza você irá encontrar pessoas boas que não pensem desta maneira.”

Ela o olhou com ar de dúvida “O melhor será de qualquer maneira que eu fique no colégio o máximo que puder, porque é mais seguro. E você?” perguntou ela.

Ele se surpreendeu com o interesse dela. Poucas pessoas perguntavam a ele... “E você?”

“É uma longa estória e não posso contar agora, se você está com pressa.”

Ao perceber que ela o estava olhando desapontada, ele acrescentou: “Talvez você passe por aqui novamente, meu nome é Soca”.

“Já sei o que vou fazer” exclamou ela, “vou guardar um pedaço do pão doce que recebo nas noites de sábado e trazê-lo, para você, no domingo.” Ela riu e falou: “Veja... não importa o quanto você olhe, não encontrará moedas no meu bolso!”

Ele começou a rir junto com ela. Em seguida ela se afastou saltitando com suas pernas compridas, leve como uma pena, desaparecendo, logo depois, entre as casas e os árvores. Ele não acreditava que iria vê-la novamente.

“Agora você vai ter que me contar!”

Ela o fitava com os seus olhos claros e cheios de expectativa. Soca se admirou. Era o domingo seguinte. Surpreendentemente, como

uma borboleta, ela tinha voado sobre os paralelepípedos e parado perto do velho, embaixo da árvore. Na mão, ela segurava um pedaço de pão doce embrulhado num guardanapo úmido e rasgado que ela colocou no colo dele. Sentada em frente, no pavimento, com as pernas curvadas até o queixo, a blusa larga e azul envolvendo-a, ela apoiou o queixo nos joelhos.

Aos poucos ele abriu o papel e deu uma mordida no pão doce revestido de açúcar. Receoso, ele pensou o que poderia contar da vida dele. Algo que fora bom o bastante para aparecer à luz do dia e aos olhos desta criança?

“Somente fiz erros” resmungou o velho, finalmente.

Estava calor e a camisa dele, aberta e desbotada, pendia de seus ombros. Do lado direito aparecia a ferida vermelha, mal cicatrizada. Ele viu que Lorena estava olhando.

“Os meninos botaram fogo em mim” explicou. “Estava tão bêbado que não senti nada até que as chamas se espalharam pela roupa e pelo meu corpo todo.”

“Como eles ousaram!” exclamou ela, “Que animais!”

“É, mas eu estava bêbado” a voz dele parecia sumir, “sempre bêbado, estirado nas ruas a maioria dos dias. Bebendo à noite, veja só, deitado na rua em algum lugar até o sol raiar – cheirando mal – mais morto do que vivo! Alguns anjos guardiães apagaram as chamas naquele dia e, no hospital, eu decidi que não iria beber nunca mais!”

“E você bebeu novamente?”

“Não! Nunca mais. Nem uma gota.”

Ela apertou os olhos olhando-o atentamente. “Isso deve ter sido muito difícil. Você descobriu quem fez aquilo? Você se vingou?”

Devagar, Soca sacudiu a cabeça, negando. “Enquanto eu estava

no hospital, em paz, coberto com lençóis limpos eu pensei que necessitava um novo par de óculos...” Ele olhou para ela imaginando se ela havia entendido. “Ao invés de acusar os outros por terem me ferido – eu precisava... enxergar o quanto eu havia ferido terrivelmente a outros, também.” Aquilo era uma verdadeira revelação!

Lorena parecia pensativa. “Você nasceu em Salvador?” perguntou ela.

“Não, sou do sul, de São Paulo. E você?”

“Sou do Norte, de Recife. Vim para Salvador com a minha tia. Minha mãe, irmã dela, ficou lá. Não me lembro de minha mãe, era muito pequena quando partimos.”

“Ela escreve para você?”

“Quem?”

“Sua mãe!”

“Não, ela não me escreve.” Uma sombra encobriu seu rosto vivo. Agarrou o guardanapo de papel, onde, antes estava embrulhado o pão doce que Soca havia comido, amassou-o formando uma bola e o jogou por cima do portão, no pátio da igreja.

“Depois, é óbvio, eu também não escrevo.” disse ela.

Pelo portão surgiu um homem pequeno e robusto num terno cinza escuro. Com passos enérgicos ele se dirigiu ao homem velho e à menina, no pavimento.

“Foi você quem jogou o papel sujo dentro do meu pátio da igreja?” gritou.

Lorena não respondeu nada, desviando o olhar.

Ouviu o velho dizendo: “Sim, foi o meu papel, comi um bom

pedaço de pão doce, padre Flavio.”

“Quantas vezes já falei não perambular em volta do nosso portão. Você quer que as pessoas te deem dinheiro, mas eu nunca te vi na missa. Aqui não é o lugar apropriado para você. Prefiro cuidar dos pobres que pertencem à minha Paróquia!”

O padre tinha um jeito estranho de mexer com os botões do casaco enquanto falava.

“Sou o eterno filho pródigo que sempre vem ao seu portão” Soca respondeu, suavemente.

Lorena estava furiosa. “Não foi ele”- gritou - “quem jogou o papel, fui eu!” Ela pulou das pedras, levantou os ombros e se virou, e, enquanto corria se perguntava se agora Soca perderia o lugar favorito dele, onde pedia esmolas.

Comprada e Não paga

Embora a estivesse aguardando a cada tarde de domingo, várias semanas se passaram até Soca ver Lorena novamente.

De repente, num domingo pela manhã, ela surgiu na frente dele, usando um vestido florido ao invés do uniforme escolar. “Tenho pouco tempo” exclamou, sem fôlego, “Queria que você soubesse que eu fui comprada, quero dizer, adotada!”

Ele tinha sentido falta dela e feliz ao vê-la novamente, perguntou “Olá, como vai?”

“Oh! Bem, limpando banheiros, levando e trazendo recados, escolhendo arroz e feijão, tirando pó dos móveis, fazendo compras, lavando louça, arrumando a mesa, enfim... sem um fim!”

“Para quem, para uma família?”

“Não te contei como é? Naquele domingo, enquanto estávamos conversando aqui, uma senhora, com um colar de pérolas de três voltas, perguntou por uma menina pequena que poderia ser aceita na família. Bonito, não é? Eles nunca querem meninos ou, tampouco, meninas muito pequenas. Uma ‘filha’ nova, crescida o bastante para fazer todo o trabalho de casa para eles. Que ato generoso! Gostaria, realmente, de saber, se ela vai para o céu por causa disso... com tudo e as suas três voltas de pérolas no pescoço...!” Ela quase não conseguia respirar por falar tão depressa.

“E como é o resto da família?”

“Um pai, que chega tarde para o jantar, entre oito e nove horas da noite – o que significa que eu tenho de ficar acordada até tarde, lavando e esfregando panelas e pratos; um filho que sempre está fora, andando de carro, dizem que ele estuda; e uma filha que fica em casa entediada, pintando as unhas – por isso, lógico, ela não pode lavar a

louça. Fica vendo televisão e discutindo com a mãe, o tempo todo.”

Soca, sacudindo a cabeça, falou: “Me parece que eles precisam de uma pessoa nova naquela família...”

Lorena levantou o olhar depois de ter inspecionado um buraco na sola do sapato. “O que você quer dizer com isso?”

“O que quero dizer é: será que eles não precisam de um pouco mais de alegria, descontração e, porque não, de diversão?” Ele coçou sua barba no queixo. “Não é a mãe que impõe disciplina e regulamentos?”

“Ela é mandona e autoritária, realmente, mas os filhos dela não a obedecem. Eles são muito egoístas.”

“E a comida é boa?”

“Bem, quando você está com fome, até o arroz tem um gosto maravilhoso, mas quando você está zangado nem camarão é bom!”

“Você recebe mesada?”

O rosto de Lorena se iluminou. “Ah sim, recebo” exclamou. “É a primeira mesada que recebi em minha vida e por isso é pude comprar isto para você...” Ela estava abrindo a mochila que tinha trazido. A mochila era de algodão listrado com uma aba que era fixa por um botão de madeira na frente. O botão não queria abrir no início, mas, finalmente, ela deixou Soca dar uma olhada pra dentro. Ali se podia ver uma dúzia de ovos brancos, cintilantes, no meio das dobras da bolsa interior. Ele olhava espantado, um pouco ansioso, enquanto ela derramava o tesouro no colo dele.

“Não se preocupe, estão cozidos! Cozi-os numa panela grande.” Ela parecia estar contente consigo mesma. Uma dúzia de ovos cozidos. “Será uma boa refeição, não é?”

O velho acenou alegremente. “Sem dúvida!” Ele tinha que rir,

“Você também cozinha nessa família de santos?”

“Que nada! Eles me testaram, mas não fui aprovada. Por razões que não posso dizer, o espaguete virou um bolo grande, um bolo bonito de macarrão grudado. Pelo menos um trabalho a menos para a filha adotada.” Ambos se sacudiram de tanto dar risada, imaginando o bolo de espaguete.

“Como vai o padre Flávio?” perguntou Lorena.

“Sempre o mesmo.”

“Achei o jeito dele bastante desanimador.”

“Ele não morde tanto quanto late; na verdade, ele tem um bom coração. Já recebi dele mais do que um prato de comida.”

“Então, porque ele tem que continuar sendo assim?”

“Ele está infeliz e insatisfeito com todos nós.”

“Talvez ele precise de óculos novos, como os seus?” comentou Lorena.

Soca ficou pensativo. “Sim, talvez...” disse.

“Estava preocupada que ele mandasse você embora.”

O velho se calou por um tempo e, finalmente disse: “Talvez, no fundo do coração dele ele sinta a verdade.”

“A verdade? Qual verdade?”

Agora ele sorria para ela com um brilho nos olhos. “A verdade é que eu não entro na igreja porque não me sinto digno de fazê-lo.” Abriu a camisa rasgada e soprou na direção da ferida que, ainda, estava vermelha.

“Está cicatrizando?”

“Ela está comichando, coçando. Dizem que é um bom sinal.”

Ele se apoiou no braço direito. “Será que você poderia me ajudar a levantar? Uma vez de pé eu me ajeto melhor.”

Lorena colocou as duas mãos em baixo do antebraço esquerdo, do outro lado da ferida. Ela o levantou com cuidado e com tanta habilidade que ele ficou surpreso.

“Você é uma enfermeira nata, menina!” E, depois que ela lhe entregou as muletas, ele perguntou: “Será que você vai poder vir e encontrar-me novamente, apesar de todo o trabalho que tem nessa família?”

“Eu me ajeto. Hoje eu disse que iria à missa.”

“É?”

“Bem, eu já fui a tantas missas enquanto estava no orfanato, que, se eu colocar todas numa lista, não precisarei assistir missa nunca mais!”

“Oh, minha querida, você também!” disse Soca “Não me admira o padre Flávio não esteja dando pulos de alegria com pessoas como nós.”

“Mas eu vim e visitei você, não foi...? Quem traria uma dúzia de ovos cozidos para você, me diga, quem?”

Enquanto ele estava se afastando com as suas muletas, mancando, numa perna só, os bolsos abaulados de ovos, ela gritou atrás dele: “Não se esqueça de comer, todos os doze!”

O velho Soca se virou, acenando com as mãos e gritou: “Vou comer todos, todos – com sal!”.

NEM UM MINUTO A MAIS

Cinco dias depois, numa sexta-feira à noite, Lorena estava de volta. Ela se sentou perto dele. “Fugi.” Ela parecia preocupada. Soca olhou-a de lado. O nariz dela estava um pouco enrugado e, balançado para frente e para trás, sentada no seu quadril, de cócoras, como um pássaro que pergunta a si mesmo: “Devo voar?”

“E agora, Lorena?” perguntou ele, baixinho.

“Estou numa enrascada. Sei que deveria ter ficado, mas não aguentei mais. Como não bastasse o egoísmo dessa gente, ele ainda começou a pegar no meu pé, fitando-me com olhos melosos.”

“Ele – quem?”

“Claudio, o filho querido dessa família. Ele começou a dizer que os meus olhos são como a lua. Como podem dois olhos serem como ‘uma lua’? Que idiota. E que o meu andar parecia o de um antílope. Não tenho certeza que bicho é esse tal de antílope, só sei que não gosto desse tipo de atenção. Ele até me perguntou se eu queria dar uma volta no carro dele e, nesse momento, senti que era hora de partir.”

Lorena calou e, depois de algum tempo acrescentou: “Você acha que eu agi certo?”

A voz do velho continha um sorriso. “Acho que sim, sua “antílope da lua”. Quer dizer que você está sem teto agora?”

“Minha tia me recebeu de volta. Aquela que me trouxe de Recife, mas o marido resmunga por causa disso. Ele já tem cinco filhos próprios e uma pequena casa no morro.”

“Eu moro numa favela também” disse Soca.

De repente ela se debulhou em lágrimas, tentando esconder o

rosto atrás dos ombros levantados. Todo o seu ser estava abalado pela frustração acumulada.

“Às vezes, nós nos sentimos muito humilhados...” a voz dele parecia perder-se. Ficou em silêncio por alguns minutos enquanto Lorena tentava dominar seus soluços. No alto da mangueira um bem-te-vi estava chamando, ‘bem-te-vi!’

De repente, ele disse. “Acharam-me no lixo quando eu era bebê.”

A menina, surpresa, levantou a cabeça dos joelhos. “Quem o colocou lá?”

“Esta pergunta eu me fazia o tempo todo. Perguntei a Deus e às pessoas e nunca obtive uma resposta. Pode imaginar que mãe faria tal coisa? Já fiz tantas vezes a mesma pergunta que me esqueci de ser grato pelo resto.”

“O que você quer dizer com... o resto?”

“Fui adotado, naquela época, realmente adotado. Um casal muito amoroso e simpático. Ele era professor em uma universidade de São Paulo e, ela, a senhora mais gentil e carinhosa do mundo. Também era uma excelente cozinheira. O feijão que ela cozinhava era tão macio que derretia na boca.”

“Você sabia que era adotado e não filho próprio, biológico?”

“Eles não contaram nada. Aceitaram-me totalmente pela bondade de coração deles. Mas tinham um filho mais velho, e, ele, sabia. Ressentia-se de mim. Nós brigávamos muitas vezes. Ele costumava correr atrás de mim pela casa toda, me batendo quando me alcançava. Quando a mãe estava em casa, ela me defendia, mas isso o deixava mais zangado ainda. Um dia ele jogou na minha cara: “Você nem é filho dela!”

Uma pequena mulher, negra, passou e colocou uma moeda no prato de Soca.

“Obrigado, que Deus a abençoe,” disse o velho.

“Como você pode ver, foi muito errado ter fugido, eu deveria ter ficado e lutado.”

“Eles fizeram de sua vida um inferno.”

“Pode-ser, mas dessa maneira, eu infernizei a vida deles, quero dizer, dos meus pais adotivos. Eles perderam o filho deles num acidente de carro e me perderam também... aquele a quem eles deram tanto. Em troca, receberam somente sofrimento e ofensa. Muitos anos depois tentei visitá-los, mas eles tinham se mudado de São Paulo e ninguém soube informar para onde.”

Lorena respondeu pensativa: “Talvez eles também já tenham falecido.”

“Assim espero”, foi a resposta inesperada...

Ela o olhou perplexa.

“Sim, porque então eles saberiam a verdade, de como estou arrependido por não ter apreciado tudo o que eles fizeram por mim.”

Os sinos da igreja começaram a tocar. Soca sussurrou uma melodia que combinava com o som. “Frequentei uma boa escola quando menino...”

Algumas pessoas estavam passando e entrando pelo portão, se dirigindo à igreja. “Porque eles estão vindo?” perguntou Lorena.

“Durante a Quaresma, todas as noites, às seis horas, eles rezam o rosário, percorrendo o caminho da cruz.”

E, calmamente, acrescentou: “A Santa Cruz, a Via-Sacra, Lorena. Um dos caminhos é o da amargura, criticando os outros, e o outro, é lembrar os nossos pecados, os próprios defeitos e... veja você mesma com o coração...”

Ela se levantou num pulo. “Tenho que voltar para a minha tia.” Ela esfregava o canto da boca, pensativa, com um dedo só. “Há um barzinho na esquina da rua onde ela mora, no topo do morro. Hoje tinha um aviso que eles precisam de alguém para lavar louça. Talvez eu possa conseguir o emprego, o que será uma ajuda para minha tia – o dinheiro e também a comida...”

“Pode ser uma boa”, disse ele “Fique somente atenta aos caçadores de antílopes!”

“Pode apostar!” Ela riu alegremente... Ele ficou feliz em ver o sorriso voltar ao rosto dela e notou a leveza de seus passos quando se afastou seguindo seu caminho.

Lágrimas e Dentes

Lorena descobriu que o bar seria pintado no sábado, secando no domingo e que na segunda-feira ela poderia começar às 7 horas da manhã, horário em que as xícaras de café já estariam empilhadas na pia. Havia uma pequena cozinha com um fogão, e a pia, na parte de trás do bar. Ela era tão minúscula e apertada que se perguntou como todas as xícaras, os pratos e ela mesma, caberiam lá.

No domingo pela manhã, decidiu que seria bom deixar a família da tia sozinha e, assim, se pôs a caminho do centro da cidade. No início ela se entretinha vendo-se refletida nas vitrines das lojas, imaginando como seria se comprasse todas aquelas coisas deslumbrantes. Lorena se via refletida no vidro como se estivesse vestindo aquelas roupas lindas, aqueles colares brilhantes, cintos, relógios, broches... dando um passo para trás e outro para frente, parecia deslizar naquele lindo vestido amarelo, o qual, apesar de parecer sedoso e cheio de brilho, não tinha a menor ideia para que ele serviria...

Depois de algum tempo se cansou da brincadeira e procurou um lugar para sentar. Passando por muitos edifícios ela não conseguiu encontrar nada naquelas ruas movimentadas até que ela viu, na esquina, uma porta aberta. Era de uma igreja. “Ali devem ter bancos” pensou subindo, cautelosamente, os poucos degraus.

No instante em que ela parou no pórtico branco, um órgão começou a tocar, parecendo dar as boas vindas à Lorena.

Por dentro, a beleza da igreja era esmagadora. Raios decompondo a luz do sol em todas as cores através dos vitrais, iluminando o altar e as paredes pintadas em dourado. Anjos coroavam os pilares canelados. Lorena esqueceu tudo: as pernas cansadas, o estômago vazio e o peso da vida saíram de seus ombros - sentiu-se leve. Ajoelhou-se num genuflexório, e, olhando em volta, pensou: “Como eles devem ter amado Jesus para terem pintado tudo em ouro...”

ouro... para Ele!”

Ela não sabia quanto tempo estava ajoelhada quando, de repente, um homem preto se aproximou dela. Vestia um terno escuro, um colarinho clerical branco e tinha um rosto simpático.

“Que se passa?” perguntou-lhe. “O que a aflige, minha filha?”

Somente neste momento Lorena percebeu que lágrimas estavam correndo pelo seu rosto. Sem palavras, ela sacudiu a cabeça.

O sacerdote se ajoelhou ao seu lado e, colocando a mão sobre a de Lorena, que estava apoiada no encosto do banco da frente, perguntou: “Você perdeu alguém que lhe era querido? Alguém morreu? Diga-me.” Ele tinha uma voz profunda e cantante.

Lorena não sabia o que dizer. Como ela podia explicar o contraste que sentia entre o poço fundo do seu sofrimento e a paz que encontrava nessa igreja radiante?

“Estou com dor de dente”, desabafou ela, achando que era o único jeito de sair dessa. A mentira surgiu espontaneamente e tão rápido que ela mesma estava admirada.

“Oh” disse ele “deve estar doendo muito, mas vamos encontrar uma solução. Tenho um bom amigo que vai poder ajudar. Venha comigo.”

Lorena olhou desconfiada para o rosto escuro dele que transmitia somente paciência e gentileza. Hesitante ela se levantou. Ele a pegou pelo braço e a conduziu por uma porta lateral, para fora da igreja. Juntos eles atravessaram a rua e pararam em frente a um edifício antigo, cuja fachada era decorada por elaboradas esculturas em relevo. Com o dedo o sacerdote apontou para uma placa ao lado da porta:

Segundo Andar

Dr. Arturo Bandeira

Dentista

Lorena sentiu que coragem a abandonava. Ele a estava levando ao dentista. “Não tenha medo. Ele é um bom amigo e eu o procuro sempre quando sinto que um dente...” Tinha gente na fila aguardando a vez, mas o sacerdote a empurrou gentilmente e passou por todos, murmurando “ela está com muita dor de dente”...

Foi assim que Lorena encontrou-se na cadeira do dentista desejando que tivesse falado de tudo, menos dos dentes. O dentista era alto, vestido com uma bata branca, de médico. Com um pequeno espelho ele examinou sua boca e ela pensou desconsolada: “Agora ele vai descobrir a mentira”. Mas o dentista disse apenas: “Tem uma pequena cárie do lado esquerdo, não parece muito grave, podemos obturar o dente agora.”

Tendo ouvido o dentista, o sacerdote se despediu dos dois com um sorriso. Lorena não conseguiu sorrir com a boca aberta... e ele dando uma suave e amável palmada no seu ombro, foi embora.

“Nosso Monsenhor é uma grande pessoa” mencionou o dentista enquanto a broca começava a dançar no dente de Lorena, “Ele trabalha muito e todos gostam dele.”

Claro que, com a boca aberta e a broca dentro, Lorena não respondeu.

Segurando a bochecha com a mão ao deixar o consultório, ela tentou não olhar para ninguém.

Apreciado e Honrado

No dia seguinte, Lorena foi ao encontro de Soca para contar-lhe o incidente com o Monsenhor e o dentista. Pardais pulavam em volta do portão da igreja e um bem-te-vi de aparência majestosa, com linhas pretas delicadamente desenhadas, estava estirando a cabeça, como querendo dizer “Espero que você esteja me vendo – pois eu bem te vi!” Era um dia lindo de verão e Soca dava boas gargalhadas ouvindo a estória do dentista.

“Engraçado!” exclamou Lorena.

“O que?”

“As mulheres beijavam a mão dele. O Monsenhor é preto como o carvão e elas, brancas como a neve, mas, mesmo assim, lhe beijavam a mão!”

“Não vejo nada de errado nisso. Parece que ele é gente boa.”

Lorena deslizou os dedos sobre o tronco áspero da árvore. “Ele tinha um jeito bondoso.” Se virou para observar as pessoas que passavam depressa, talvez a caminho de suas casas. “Minha tia diz, que eu a deixo nervosa, falo demais de mim; que se eu tivesse cinco filhos, não teria tempo de falar tanto... Mas, eu não quero ter cinco filhos!”

“Hum, sim, as fraldas...”

“Como alguém pode gostar de fraldas? Elas cheiram mal!”

“É o que as mães fazem...”

“O que elas fazem?”

“Aguentam as fraldas.”

Lorena ficou séria. “A minha não.”

Soca olhou para ela com olhar interrogativo.

“A minha me mandou embora com a minha tia quando eu era ainda neném. Eu era um problema para ela.”

“Talvez houvesse uma razão?”

Ela ergueu o queixo dizendo, “Não quero saber da razão.”

Soca ficou em silêncio. Ele refletia sobre a necessidade de cada um sentir-se apreciado e honrado.

“Sabe o que é o pior na favela?” Perguntou Lorena de repente.

Pensando um pouco, ele respondeu: “A lama, eu acho. A lama que cheira mal quando chove. A lama nas ruas, a lama nos pés, a lama que levamos para o barraco, enfim... lama por todo lado.”

Ela o imaginou saindo do barraco num dia de chuva – de que jeito ele seria capaz de percorrer o caminho lamacento e escorregadio com uma perna só? No seu íntimo ela decidiu tomar conta dele sempre que houvesse muita chuva e cuidar de suas necessidades. Talvez ela pudesse fazer compras para ele. Mas, em voz alta, ela disse: “Creio que é o barulho. Isto é o pior. Quando alguém tosse, todos acordam. Você devia ver como vivemos na casa da minha tia, Três gerações. Dez pessoas em três quartos minúsculos com uma avó, impaciente tossindo o tempo todo!”

“Estou preocupada com uma coisa” disse de repente. “Menti para o sacerdote: eu não estava com dor de dente.”

“E, não estava.”

“O que faço agora?”

Ele inclinou a cabeça para o lado. “Você pode se desculpar e ser

honesto. Creio que ele vai dar boas risadas! E não olhe para mim como se “desculpar” fosse uma palavra ruim. É uma palavra boa. Houve momentos em minha vida que poderia tê-la usado. Quando eu poderia, ainda, ter retornado para os meus pais e não o fiz.”

Lorena observava o bem-te-vi que voou para dentro da árvore, escondendo o seu ventre de cor amarela, no meio dos ramos cheios de folhas. “Então, ao invés disso, para onde você foi?”

“Fui a toda parte e a nenhum lugar. A maior parte do tempo, na rua. Veja a ironia, me deram o nome de Sócrates, conhecido por ser um homem sábio...”

Ela acenou a cabeça. “Aquele filósofo? É por isso que o chamam de Soca?”

“Sim, só que eu não fui sábio. Andei nas trevas, seguindo o caminho do mal, sem me importar se havia ferido alguém. Bebidas, roubos, prisão. O tempo passa e um dia você se pergunta, com uma grande tristeza no coração, como tudo isso aconteceu.”

“Mas, você nunca assassinou ou matou alguém!”

“Sabe, pequena, Deus, um dia, me mostrou que eu poderia ter feito pior. No caminho do mal não tem fim. Não é possível determinar: vou só até este ponto e não mais adiante; só vou fazer isso e não aquilo”. O caminho do mal e as más companhias levam você sempre mais e mais adiante. Você deve pular fora de uma vez para ficar livre dessas forças do mal, dar as costas completamente. Essa é a verdade.”

Ela concordou com a cabeça em silêncio. Soca moveu sua perna. “Está ficando dura”, resmungou ele. “Talvez seja melhor eu me levantar e ir para casa.”

“Te ajudo, pelo menos uma parte do caminho.”

Ele se apoiou com uma mão no ombro dela e com a outra segurou firme as muletas, que, servindo de bengala o ajudaram a

levantar, e, devagarzinho começou a andar.

“Gostaria de saber algo sobre os meus ancestrais”, balbuciou Soca “Quem será que eles foram? Às vezes os imagino naquela época, depois da descoberta do nosso continente: alguns índios de poucas palavras, olhando com orgulho a grande distância – a terra, toda essa terra dada por Deus, não conscientes da eternidade; talvez uma alegre mulher africana sorrindo, andando calmamente com saias esvoaçantes e carregando uma cesta na cabeça; ou, talvez, alguns homens brancos, presunçosos e problemáticos, autoconfiantes e cheios de ambição e ganância por ouro...”

“Agora você realmente está imaginando, Soca, e julgando severamente o homem branco. Talvez este ancestral fosse um bom homem!”

“Pode ser.”

“Na escola aprendemos muito sobre as conquistas do homem branco no mundo”, disse ela com uma certa dúvida na voz.

“Sim, conquistas”, Soca deu, se servindo das muletas, um grande pulo para uma calçada mais alta, “e sofrimento também: onde o homem branco colocou a mão houve sofrimento no mundo.” Ele sacudia a cabeça energicamente. “Pensei também sobre a coragem, a dignidade, a tenacidade, ingenuidade e, ainda, a paciência do povo africano em circunstâncias tão difíceis!”

“E você, Soca, qual deles você é, preto ou branco?”

Ele parou no meio da rua, virando o rosto para ela: “Olhe para mim, o que você acha?”

Lorena desatou a rir. “Não posso ver, sua barba é grande demais! Não tenho certeza o que há por debaixo dela!”

“É de banho que estou precisando!” Agora até ele teve que rir. “Penso que a cor branca prevalece, embora eu não tenha orgulho

disso.”

“Meu tio é preto,” comentou Lorena. “Mas o que importa a cor? Todos nós viemos de algum lugar. Ele trabalha como motorista de taxi numa cooperativa e, quando chega em casa, conta tudo sobre o seu dia e como é difícil.”

“Que interessante, gostaria de ouvir.”

“Eles lutam pela honestidade dos motoristas de taxi. Para não cobrarem a mais do que é devido e não darem voltas desnecessárias e coisas parecidas...”

“Este tipo de honestidade me parece realmente difícil, principalmente para motoristas de taxi!”

“Oh – meu tio está convencido de que eles vão conseguir. Talvez um dia eu o traga para você conhece-lo, então vocês dois podem conversar – sobre taxis e cooperativas, e, porque não sobre pretos e brancos.”

Sorrindo ela se despediu.

UMA PILHA DE PRATOS E UM PEDIDO DE DESCULPA

Na sexta-feira pela manhã, depois de alguns dias de trabalho no bar, Lorena quebrou uma pilha de pratos. Ela tinha colocado o seu avental azul escuro, cruzado e amarrado nas costas e preso na cintura por um nó. Havia xícaras e pires por toda parte, sobrando do café da manhã, mas ela decidiu começar por uma pilha de pratos, da noite anterior. Tão logo ela colocou os dedos sobre o último prato uma barata disparou saindo do fundo da pilha. Ela começou a gritar, e, deixou a pilha cair.

O barulho foi alto o suficiente para chamar a atenção da proprietária do bar que veio correndo ver o que estava acontecendo. Esta senhora sempre cuspiu um pouco ao falar e, agora, furiosa, produzia um verdadeiro chuveiro.

“Foi a barata!” gaguejou Lorena. “Fora!” gritou a dona, “já chega de você!”

Com as mãos trêmulas Lorena tirou o avental e o pendurou num prego atrás da porta da cozinha. Lágrimas cegavam os seus olhos quando ela estava saindo. “Você pode voltar, quando pagar a pilha de pratos!” Gritou a mulher atrás dela.

Lorena estava na rua perguntando-se o que fazer agora. Será que ela deveria voltar à casa da tia? Ainda esta manhã a tia tinha dito: “Lavar louça? Você pode lavar louça aqui e, também, me dar a mão em outras coisas...”

“Credo” pensou Lorena, “credo... eu queria tanto ganhar o meu próprio dinheiro...”

Devagar e sem coragem ela se pôs a caminho. Será que ela poderia ir encontrar o Monsenhor novamente? Ela decidiu tentar.

Quando chegou à praça na frente da igreja, esta estava cheia de vida. Carros enfileirados perto da calçada e fila de taxis. Enquanto ela estava atravessando a praça, passou por uma menina, possivelmente da mesma idade, que segurava uma criança no colo. A menina falava com o menino, rindo e cantando... Logo esticava as pernas e o pequeno escorregava do seu colo, lançando gritos de prazer. “Mais uma vez, mais uma vez” gritava ele, “mais!” Lorena sorriu para a menina que suspirava: “Para ele nunca é o bastante! Poderia continuar assim o dia todo.”

“É seu irmão?”

“Sim, o safadinho.” Ela abraçava o menino que emitia sons de prazer “e eu o amo, mesmo com todo o trabalho que ele me dá.”

Lorena ficou um pouco com a moça e o menino. Um irmão pequeno – seria uma alegria, mas... claro, ela tinha primos pequenos... “Tenho um monte de primos pequenos”, disse ela.

“Eles lhe mantêm ocupada?” perguntou a moça.

“Não”- Lorena hesitou - “trabalho fora da casa...”

Dentro da igreja algumas mulheres estavam rezando ajoelhadas, fora isso, a igreja parecia estar vazia. Ela estava tão dourada e maravilhosa como da primeira vez que a viu. O altar principal cheio de colunas que estavam cobertas de flores e folhas em volta, tudo dourado. Anjos e outras figuras, numa sinfonia de ouro e, no meio, São Francisco, abraçando Jesus, na cruz.

Lorena andava perto das paredes. Havia imagens do Caminho da Cruz, cada um na sua moldura dourada. Ela as conhecia da igreja, no orfanato. Durante um bom tempo ela ficou olhando Cristo, rezando, no Jardim do Getsemani. Ele não dormira naquela noite – os outros haviam dormido - Jesus morrendo na cruz... como ele deve ter sofrido... e, hoje, também há muitos que sofrem...Cristo carregando a Cruz deve ter sentido muita sede!

De repente ela viu o Monsenhor. Ele estava ao lado de um dos altares laterais polindo com um pano de veludo a pequena porta de um armário de ouro. Lorena se aproximou dele quase sem coragem de falar.

“Monsenhor”, a voz dela soava alto na igreja silenciosa, “Monsenhor, preciso falar-lhe”- e – quando ele a olhou, gentilmente, reconheceu-a de imediato.

“Eu menti, não estava com dor de dente. Sinto muito, por favor, me perdoa.”

Ele a olhou um pouco surpreso, apenas. Seus olhos piscavam. “Que bom que você voltou” disse. “Isto é uma verdadeira graça, a honestidade. Claro, que eu perdoo você, eu preciso de perdão também – muitas vezes.” Se aproximou dela, “É engraçado, este assunto da graça de Deus. Às vezes você a procura em todos os lugares, procura sem descanso, ardentemente, e, de repente, você a encontra quando menos espera – e, às vezes, é num dente doendo...”

“Só que o meu dente não estava doendo...”

Depois dessa, o Monsenhor riu. Ele ria tanto que a cruz que estava em seu peito balançava para lá e para cá e lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. “Mesmo assim” ele tossia no meio das risadas, “mesmo assim – foi uma graça.”

Quando, no domingo à tarde, Lorena contou para Soca as aventuras com os pratos quebrados e o pedido de desculpas, ele também riu, contente. “Mas, mesmo assim você ainda precisa do dinheiro para pagar os pratos” disse. “Talvez eu possa ajudar.”

Ao perceber que Soca estava botando a mão no bolso, Lorena o parou. “Era o que me faltava! Você me dando as suas poucas moedas! Não, Senhor, eu não volto para aquele bar. Decidi ajudar minha tia nos trabalhos de casa e com os filhos.”

Soca viu o queixo levantado, um gesto que ela costumava fazer

de vez em quando. “Pensei que você não queria fazer isso” observou ele.

“Ah! Mudei de ideia,” disse Lorena.

Algumas pessoas saíam da igreja passando por eles, na calçada. Somente uma delas colocou uma moeda no prato do Soca. “Somente uma moeda”, murmurou ela.

Soca levantou seus ombros num gesto de resignação. “São cristãos, vão à igreja, mas isso não significa nada. Vivem do jeito que querem e fazem o que lhes dá prazer. Mesmo assim, - eu não preciso de muito...”

Lorena balançou a cabeça, concordando. “Sabe, Soca, quando fui na sexta-feira encontrar o Monsenhor, fiquei toda tremendo, no início. Depois, senti o meu coração como se fosse uma porta e algo que estava batendo nela... e aí, depois de ter pedido desculpas e da reação do Monsenhor, tão boa, me senti leve e tudo dentro de mim estava pulando e dançando.”

Lorena perde seu Sapato

O quarto estava escuro. As janelas de madeira estavam fechadas para protegê-la da chuva. Somente uma delas estava alguns centímetros entreabertos, deixando a claridade desse dia nublado entrar. Não havia vidros e, pelas venezianas abertas, entrava uma corrente de vento úmido e quente. O ar estava denso, pesado.

“Posso acender a luz, tia?” perguntou Lorena. Ela estava segurando um dos pequenos, balançando-o no colo carinhosamente pra lá e pra cá.

“Nem pensar!” A tia estava lavando louça numa grande bacia de plástico. “A nossa conta de energia vai aumentar no final do mês. Silvio já está se queixando – penso que a conta é alta por causa de tanta roupa que estou passando.”

Tia Noêmia era morena, um pouco rechonchuda e, geralmente, bem humorada. O cabelo era tingido com um leve reflexo de vermelho, o qual lhe dava um visual excêntrico. Talvez ela precisasse desse encorajamento. Cinco filhos saltitando o tempo todo em volta, fazendo traquinices na maioria das vezes... “Só espero que nenhum barraco desmorone com toda essa água! Já aconteceu várias vezes quando a chuva cai sem parar. A água da chuva vai encharcando o solo causando erosões e, a terra, de repente, desmorona levando tudo que encontra pela frente até encontrar um obstáculo e para. No início costumava ter mais vegetação neste morro o que nos protegia e firmava a terra, dando mais segurança.”

“Estou preocupada com o meu amigo Soca” disse Lorena. “Ele mora num barraco pequeno e instável numa rua íngreme, pouco mais acima. Eu o ajudei num dia de chuva e o terreno estava muito escorregadio! Posso ir mais tarde ver se tudo está bem com ele?”

“Você pode, mas vai ficar toda encharcada. Não entendo o velho Soca. Por um lado ele fala que tudo tem que ficar diferente... mas, por

outro, o que ele faz? Fica sentado na rua, na frente de uma igreja.”

“Ele toca os corações das pessoas com a sua humildade”, Lorena interveio rápido “porque ele é honesto acerca de seus pecados. Tia, não é verdade, que o tio Silvio mudou depois que eu o levei para encontrar Soca?”

Água espirrou para fora da bacia de plástico. Tia Noêmia acenou concordando. “O impossível aconteceu: ele parou de beber! Não acreditava mais que isto pudesse acontecer, agora temos mais leite para as crianças. Claro, você pode ir visitá-lo e leve alguns biscoitos que estão na lata!”

Quando Lorena chegou à cabana de Soca, ela estava sem fôlego, com os pés sujos, segurando um sapato. Um sapato só.

“Senta menina, você parece ter encontrado um montão de problemas. Vou fazer um cafezinho enquanto você recupera o seu fôlego.”

“Você não imagina, Soca, o que aconteceu, tive uma experiência horrível!”

“Subindo o morro?”

“Não, isso não foi nada, apesar de ter escorregado por estar sem os sapatos.”

O velho tirou água de um balde colocando numa panela pequena sobre o fogão. Em seguida, ele abriu a torneira do botijão de gás, redondo e barrigudo, e acendeu a chama. “Vai levar um minuto. O que aconteceu com o outro sapato?”

“Encontrei Alfredo quando estava saindo do ônibus.”

“Quem é Alfredo?”

“Ele é o filho daquela família onde vivi...”

“Oh, sim – lembro, o caçador de antílopes!”

“Ele continua sendo antipático, disse, se eu não der umas voltas de carro com ele, ele contará à polícia que eu fugi da casa da família dele, que sou menor de idade e que eu iria ver o que iria acontecer...”

“E depois?”

“Oh, Soca, corri. Corri como louca no meio dos carros estacionados, passando três ou quatro esquinas. Aí escorreguei e perdi um sapato e os livros que você me havia emprestado e que estava trazendo de volta. Perdi também os biscoitos que a tia Noêmia mandou para você. Estou tão chateada! Não me atrevi a voltar.”

“Sinto muito pelos biscoitos da tia Noêmia, mas não se preocupe por causa dos livros. Talvez a pessoa que os encontrar os irá ler. Livros são destinados a passar de mão em mão, não é?” Soca sorria para ela enquanto estava colocando o pó de café num filtro de pano, que estava pendurado sobre o bule. “Mas você conseguiu escapar?”

“Claro, pode apostar que sim, seu bobo!”

“Parabéns, sua antílope! Melhor você ficar fora do caminho do Alfredo. Ele quer se aproveitar de você.”

“Ele quer ter prazer em tudo na vida, mas eu não vou ser o instrumento de prazer dele. Nem, tampouco, sou uma garrafa de cerveja ou uma barra de chocolate!”

“Muito bem, você é preciosa demais para isso. Ele é atraente?” perguntou Soca, com convicção.

“Muito, e, justamente por isso, ele pensa que pode ter tudo na vida, de graça. Mas hoje o rosto dele me pareceu horrível, Soca.”

“Ah,, o rosto mais lindo pode se tornar detestável se não tiver bondade por trás.” Ele pensou sobre o mau pedaço que ela já havia passado e sentiu o seu coração se contrair. “Sim, pequena, existe o

mal, mas você não precisa ceder.”

De repente, ela começou a rir. “Ele parecia horroroso e, ao mesmo tempo, ridículo, Soca, enquanto corria atrás de mim com os seus braços abanando como as duas asas de um pássaro que não consegue voar. Não sei por que devo ficar com medo dele.”

“Estou tão feliz por você ser tão rápida” respondeu ele. “Mesmo se gostasse dele, me parece melhor você fugir e perder um sapato...”

“Sabe, Soca, você é como um verdadeiro pai para mim.”

Soca se sentiu comovido. “Nunca fui pai para ninguém” resmungou ele. “E nunca tive um pai – imagine você! Que pai bom e elegante eu seria!”

“Não importa a elegância” insistiu ela, “o que importa é se você faz coisas que um pai deveria fazer.”

Soca se sentiu, de repente, incrivelmente feliz. “E, como eu saberia, o que um pai deveria fazer?” perguntou, rindo, enquanto derramava o café num copo grande que já estava, pela metade, cheio de açúcar.

Uma carta vai

Lorena acordou no meio da noite com um estrondo assustador. Tudo estava completamente escuro. Ao seu redor só se ouvia ruídos estonteantes e gritos estridentes. De alguma maneira estranha, ela se encontrava no chão, o qual estava tremendo e o ar era uma poeira sufocante. Ela ouviu gritos e choros e gemidos de crianças. O que quer que estivesse acontecendo, era assustador. Além disso, havia pouco espaço para levantar a cabeça, pois o teto parecia estar mais baixo.

Rastejando no chão, com as mãos esticadas para frente, ela tentava se mover. Estranho, ela não encontrava a porta e não conseguia apalpar a cama. Havia somente pedaços de madeira em suas mãos.

Ah, agora ela se lembrou. Ela tinha ido dormir no chão. As três meninas pequenas com quem ela dividia a cama se mexiam muito em seus sonhos, batendo braços e pernas em Lorena o que atrapalhava o seu sono. Nesta noite, uma delas havia atingido seu rosto com o pé o que a fez decidir dormir no chão. Havia um colchão de palha ao pé da cama e ali, levando seu travesseiro, tinha dormido bem – até agora. Mas, o que será que aconteceu? O estrondo havia parado e a poeira já estava assentando um pouco. Ouviam-se gritos abafados por toda parte. Ela estava imaginando, desesperada, se a casa havia desabado, desmoronado morro abaixo, como a tia havia contado.

E, onde estavam os outros? As meninas pequenas? Ela estava cercada de escombros e pedaços de madeira por toda parte. Tateando em volta, ela não conseguia reconhecer nada. Mas, ah! Isto era o canto da cama! Cuidadosamente ela começou a retirar as pedras e os escombros que estavam cobrindo a cama. A mão dela apalpou um pé, e, ansiosa, ela o apertou. Ouvia, então, um gemido em resposta.

Era uma das meninas, com certeza!

“Não chora! Sou eu, Lorena” disse ela. “Espere, vou tirar você

daí!” O choro continuou. Será que era Flavia? Ela era a menor entre as meninas, com apenas quatro anos de idade.

“Flavia, é você? Fique quieta, vou tentar tirar você debaixo desses escombros.” Logo depois, ela segurava a pequena nos braços, tentando consolá-la. Embora lhe tenha sido difícil se mover na escuridão, descobriu que a pequena, mesmo coberta de poeira, parecia não estar ferida gravemente. Quando o choro dela se acalmou um pouco, Lorena a deitou no chão. “Corre, corre agora, precisamos encontrar as outras”, se falou a si mesma.

Voltou para a cama que estava coberta de cascalhos e escombros, e, com cuidado, começou a retirá-los, pedaço por pedaço, empilhando-os ao lado.

De repente – outro choro - a mão dela apalpou um rosto. Cabelos compridos – deveria ser Fabiana, a mais velha das meninas, com nove anos de idade. Havia apenas um irmão mais velho.

Lorena, subitamente, estava se lembrando dos outros. O que aconteceu com eles? A tia e o tio dormiam, com o neném, no outro quarto e, Felisberto, o menino de onze anos, dormia na cozinha, que também servia de sala de estar. A avó, também dormia lá, no sofá.

Aos poucos ela conseguiu libertar Fabiana completamente tirando toda areia e pedaços de reboco que haviam caído sobre ela. Neste momento, Lorena estava deitada de barriga para baixo na cama, puxando cautelosamente, a menina para o chão.

“Minha cabeça dói,” murmurou Fabiana. O rosto e os braços estavam úmidos e pegajosos.

“Será que é sangue?” pensou Lorena.

Por um momento, ela ficou nervosa, mas, rapidamente, tirou a camiseta com a qual dormira e, cuidadosamente, começou a limpar o rosto da menina. “Ela deve ter ferido a cabeça.” Sim, o sangue parecia escorrer da testa, do lado esquerdo.

“Deite aqui no chão, Fabiana, fique tranquila. Vou cuidar de você.” Ela dobrou a camiseta e a colocou na testa da menina.

Atemorizada ela se lembrou da terceira menina, Filomena. “Onde estava ela?” Ela deitou Fabiana perto da irmã mais nova. Ambas estavam gemendo. “Fiquem juntas, eu tenho que encontrar Filomena,” lhes disse.

Arrastou-se novamente até a cama e, subindo, continuou a tirar mais entulhos. “Filomena,” sussurrava suavemente, “Filomena, você pode me ouvir?”

Não houve resposta. Um pedaço enorme de madeira estava no meio do caminho. Ela o jogou para baixo e, enquanto agia mais depressa, a sua preocupação aumentava.

Após alguns minutos, ela a encontrou. Filomena estava deitada entre a cabeceira da cama e a parede. O rosto dela estava coberto de areia, e não falava.

“Oh, Senhor!” rezava Lorena ansiosa, “faça com que ela não esteja morta.” Puxou a menina até o pé da cama e tentou tirar a poeira do seu rosto. Os olhos dela pareciam estar cobertos de poeira e areia. Delicadamente, ela os limpou, usando um pouco da própria saliva.

“Será que está respirando?” A boca estava coberta de areia, mas, quando Lorena usou seus dedos para limpar a boca, ela sentiu Filomena respirar suavemente pelo nariz.

Ela a reanimava com palmadinhas, falando num tom calmo e encorajador até que, para sua grande alegria, ela a ouviu dar o primeiro grito. Ela, então, a abraçou em seguida.

Agora se ouviam gritos abafados por entre as pedras caídas. “Fabiana, meninas, Lorena... vocês estão aí?” Mas, ao tentar gritar de volta, somente um miserável som rouco saiu de sua garganta.

Ela tossiu tentando limpar a voz. “Aqui! Estamos aqui! Todas nós

estamos aqui!” conseguiu exclamar, finalmente. Elas escutavam as pessoas, tentando desobstruir o caminho, da terra e pedras caídas, e, então, a primeira brisa de ar fresco chegou até elas, pela brecha.

Tão logo possível, ela subiu o morro para o barraco de Soca, a fim de se assegurar que tudo estava bem com ele. Felizmente, estava tudo bem.

“Não foi a nossa casa que desabou” explicou Lorena. “Foi a casa do vizinho acima de nós. A casa deles desabou, e, caiu, precisamente no quarto onde eu estava dormindo com as meninas. O quarto da frente está mais ou menos inteiro e todos nós estamos alojados nele e na cozinha. Estamos felizes por estarmos vivos!”

“Querida – não deve haver espaço para todos vocês! Será que eles querem que você saia?”

“Não, eles dizem que fui uma benção grande para eles; que salvei as três meninas e que toda comunidade está orgulhosa de mim. Até os jornais irão publicar a estória! Um jornalista apareceu e me fez muitas perguntas...” Ela riu, embora um pouco tensa ainda, pensou ele.

“A chuva continua,” murmurou Soca. “Quem sabe o que mais pode acontecer?”

“Sim, foi difícil vir até aqui. A rua ao lado do riacho está completamente inundada e muitos dos pertences das pessoas estão flutuando ao redor. Roupas, pedaços de madeira, cadeiras e até, metade de um isopor com uma panela grande dentro, com resto de sopa.”

Ele estava balançando a cabeça, consternado. “Soca, você acredita em anjos que nos guardam?”

“Hum”.

“Poderíamos, facilmente, ter sido sufocadas pela poeira e areia.”

“Sim.” E depois de um tempo, ele acrescentou: “Também fui salvo várias vezes, de maneiras extraordinárias... sempre me perguntava se ainda haveria algo para eu cumprir nesta terra. Sabe, Lorena, o que estava pensando?”

“Não, o que?”

“Eu estava pensando se você não deveria escrever uma carta.”

“Uma carta? Para quem?”

“Para sua mãe. Ela deve ter lido as notícias sobre a chuva e a enchente nos jornais ou assistido às imagens na televisão e deve estar preocupada com você.”

“Ela nunca me escreveu...” disse Lorena provocante, mas, depois de um momento, acrescentou: “Com certeza, tia Noêmia tem o endereço dela... você realmente pensa que devo?”

“Pode significar muito para ela.”

Com as duas mãos ela segurava a mesa frouxa. “Minha mãe,” disse bem baixinho. “Sim, escreverei... minha mãe...”

Catorze FOLHAS de palmeira

Quando a chuva, finalmente, parou, Lorena decidiu visitar o Monsenhor, em sua igreja maravilhosa, a fim de agradecer a Jesus por terem sido salvos durante o desabamento no morro. Ela levou Fabiana consigo.

No caminho, elas passaram por uma fileira de palmeiras. Como eram altas! Talvez de doze e quinze metros de altura- calculou Lorena - elevando-se, como se fossem encostar no céu. As suas folhas, entrelaçadas, formavam uma coroa no topo da palmeira.

“Você sabia”, disse ela para Fabiana “que as palmeiras perdem suas folhas a cada ano e novas folhas nascem formando uma nova coroa ao alto e, somente o anel no tronco lembra o ano que passou. Um anel para cada ano.”

Elas pararam de contar. A maioria das palmeiras tinha mais que quarenta anéis em seus troncos altos, o que deveria corresponder à idade delas. Lorena se perguntava como estes troncos finos e estreitos resistiam aos ventos fortes, sem quebrarem. Ao invés disso, elas, simplesmente, se inclinam, graciosamente, deixando cair uma folha de vez em quando como se quisessem dar o seu reconhecimento ao vento forte... Por outro lado, uma folha dessas é muito grande e pesada... Você não ia querer que uma delas caísse sobre sua cabeça!

A igreja parecia escura quando elas entraram. Como o dia lá fora estava cinzento, pouca luz penetrava pelos vidros coloridos e somente algumas luzes estavam acesas. Ao caminhar devagar pelo corredor, novamente alguém estava tocando o órgão. “Eu poderia ser uma noiva”, pensou Lorena, “e, Fabiana, a minha dama de honra, que teria que andar na minha frente...”

Sentaram-se num dos bancos de madeira. Fabiana estava admirando tudo em volta. Lorena se ajoelhou e começou a rezar. Em seguida ela se sentou e sacudiu seus cabelos para afastá-los do rosto,

como se ela quisesse – com este gesto – se livrar de todas as dificuldades e preocupações desse mundo.

Após algum tempo, Monsenhor apareceu e sentou-se perto delas. “Precisa novamente de dentista?” Os dois riram.

Lorena apresentou Fabiana e contou o que havia acontecido nos últimos dias e porque elas decidiram vir e agradecer a Deus por tê-las protegido.

Monsenhor estava sorrindo. “Querem que eu lhes mostre algo muito especial?” perguntou.

Elas concordaram e lhe acompanharam até um dos altares laterais. O sacerdote abriu dois painéis de madeira pintados, e surgiu uma pintura na parede. A pintura mostrava um grupo de meninas jovens, bonitas, vestidas de branco com poses diferentes. Cada uma segurava uma folha verde de palmeira nas mãos, algumas seguravam instrumentos.

“Eis as catorze virgens abençoadas” disse o sacerdote. “Elas foram assassinadas porque preferiram perder a vida ao invés de sua pureza. Elas foram muito corajosas.”

Lorena segurava a mão de Fabiana. Estava muito comovida e curiosa ao ver a pintura e queria perguntar: onde, como e quando, mas não se atrevia. Com cuidado, Monsenhor fechou os painéis novamente. “Para servir de instrumento de Deus” disse ele numa voz baixa e pensativa, “para tocar a música dEle...”

Ao passarem por outro altar, Fabiana falou, apontando o dedo, excitada.

“Este é São Miguel” explicou o sacerdote, “quem, com a sua enorme espada, derrotou o dragão.” O dragão parecia um monstro horrível com seus inúmeros dentes, mas São Miguel estava bem acima dele, com a sua espada levantada – assim – provavelmente, o monstro não poderia ferir mais ninguém.

Monsenhor sorriu ao ver o rosto ansioso da menina pequena. “Aqui nós montamos o presépio na época do Natal”. Ele explicou para ela “É nessa época que colocamos um grande pano verde sobre São Miguel, pois, nesse momento o dragão não tem mais poder e não se necessita da enorme força de São Miguel, porque nasceu o pequeno menino...”

Enquanto eles estavam saindo da igreja, atravessando a praça movimentada, a mão de Fabiana estava segurando firme a mão de Lorena. “Existem duas realidades distintas”, pensou Lorena, “uma delas são os ônibus, as árvores as casas... e, a outra, é Deus em nossos corações.”

Quando, mais tarde, Lorena contou a Soca sobre a visita à igreja, sobre São Miguel e sobre as catorze virgens com suas folhas verdes de palmeira, ele balançou a cabeça afirmando: “Pureza é o tesouro que você alcança por sua decisão: o outro tesouro, que você persegue em sua vida, muitas vezes, tão veemente, pode levar você à morte, mesmo sem querer...”

“As boas freiras do nosso colégio sempre queriam que eu confessasse os meus pecados” resmungou Lorena “mas eu queria fazer o contrário: queria fazer uma lista das minhas boas ações!”

“É como alinhar pérolas num fio e depois usá-las no seu pescoço!”

“Sim, exatamente!” ela exclamou satisfeita “só que não seriam nunca o bastante para dar uma volta em todo o meu pescoço!”

Soca teve que rir. “Talvez fossem o bastante para um broche...”

“Ao olhar os rostos dessas meninas, que dedicaram suas vidas a Jesus, senti que deveria fazer o mesmo, dando tudo, talvez, sem morrer, mas dar a Ele tudo o que tenho e tudo o que sou.”

CHEGA UMA carta

Monsenhor entregou uma carta a Lorena pedindo que a entregasse à irmã Ana, que se encontrava num lar de terceira idade e falou que a Irmã Ana ficaria feliz em conhecê-la.

Eis porque, alguns dias depois, Lorena se pôs a caminho para procurar a Irmã Ana. O endereço a levou a um prédio simples, de superfície branca caiada, situado num jardim antigo, cheio de árvores e arbustos. Lorena podia ouvir o sabiá cantando: “tio-tio titio-u- tio-tio titio-u.” Ela procurou a ave nas árvores, mas não conseguia vê-la no meio das folhas.

Uma senhora de idade estava sendo acompanhada num passeio pelo jardim por uma mulher mais jovem e um homem grisalho estava sendo empurrado numa cadeira de rodas subindo o caminho, no jardim. Perto da porta encontravam-se dois girassóis que tinham a altura de Lorena e cuja flor era do tamanho de um prato médio.

Lorena tocou a campainha da grande porta verde e aguardou. Um jovem, abrindo a porta, perguntou o que ela desejava. Lorena mostrou a carta, e ele a deixou entrar no hall, com o chão de pedras. Dirigiu-se a uma porta próxima e bateu. Quando voltou, disse que a Irmã Ana estava aguardando.

Dessa maneira Lorena encontrou Irmã Ana, uma senhora de meia idade, de baixa estatura, cabelos grisalhos, vivaz, com olhos brilhantes, vivos e penetrantes. Ela vestia uma saia simples e uma blusa.

A irmã queria saber mais a respeito de Lorena e porque era ela quem estava trazendo a carta do Monsenhor. Lorena contou, brevemente, o que tinha acontecido e como havia começado a amizade com Monsenhor. A Irmã deu boas risadas ouvindo as histórias de Lorena.

A irmã apontou para um livro que estava aberto em cima da mesa. “Você conhece os Salmos?” perguntou ela.

“Hum...”

“Estava lendo justamente o salmo 40. Ouça.” Começou a ler o Salmo num tom afetivo e caloroso:

*Esperei no Senhor com toda a confiança;
inclinou-se para mim e ouviu o meu clamor,
Tirou-me do poço fatal, dum charco lodoso.
Assentou os meus pés sobre uma rocha;
Deu firmeza aos meus passos.
E pôs nos lábios um cântico novo...
Um Hino de louvor ao nosso Deus...*

“Que maravilhoso”, exclamou Lorena.

“Sim, é verdade.”

“Você cuida de muitos idosos aqui?”

“Muitos, geralmente mais do que podemos administrar.”

“Mas, você deve ter outras irmãs que a ajudam?”

“Não – ah – eu tinha outras irmãs comigo, mas... eu as perdi.” Ela parecia um pouco confusa. “Tenho os empregados e eles fazem o melhor que podem, mas há uma diferença.”

“E qual é, irmã?” perguntou Lorena curiosa.

“A diferença é que uma irmã entrega sua vida completamente a Jesus. Ela não faz exigências disso ou daquilo e não quer ninguém para si mesma ou para a sua família. Ela não tem horário para chegar a casa. Ela dá tudo de si... embora às vezes...”

“Às vezes o que?”

“Às vezes nem tudo é dado. As tentações acontecem.”

Lorena balançou a cabeça compreensivamente. “E depois?”

“Depois, às vezes, o diabo foge junto com a pessoa inteira.”

Lorena começou a rir imaginando o “diabo” fugindo com a pessoa inteira...

No início irmã Ana olhou um pouco chateada, mas logo depois ela teve que rir também, contaminada pelo espírito juvenil da menina. “Talvez tenha errado também. Como você vê, não sei mais o que uma pessoa jovem sente.” Lorena concordou abanando a cabeça novamente. “Temos um médico que vem regularmente, três vezes por semana, sem cobrar honorários. Que Deus o abençoe.”

A Irmã se levantou e perguntou: “Gostaria de visitar a Capela?”

Seguiram em direção aos fundos do edifício e Irmã Ana deixou Lorena entrar primeiro. O salão era simples, pintado de branco, e, o altar estava coberto com uma toalha bordada nas bordas, com lírios e rosas coloridos. No meio, havia uma Cruz de madeira. À direita e à esquerda do altar encontravam-se duas figuras pintadas em cores alegres. A irmã apontou para elas e explicou: “Representam São Francisco e Santa Clara. Eu os adoro, foram esculpidas à mão.”

Os dois santos estavam sorrindo.

Quando Lorena voltou para casa, no morro, a tia lhe entregou uma carta. “Chegou para você, lá em baixo na, Associação.”

“Uma carta para mim?”

“Acho que é de sua mãe, conheço a letra de minha irmã.”

Lorena sentou-se no canto da mesa e abriu a carta com muito cuidado. As suas mãos tremiam ao desdobrar a folha grande e branca.

A carta dizia:

“Querida filha!”

“Recebi sua carta e chorei. Chorei de alegria por você estar viva e por ter escrito. Que carta bonita! Chorei de tristeza, pois entendi, pelo o que você me disse na carta, o que fiz de errado.”

“Eu errei quando decidi deixar você ir embora com a minha irmã para Salvador, mas quero que saiba que não o fiz por não amá-la. Amo você, até demais, sempre amei e sempre vou amar você. Minha grande esperança é de revê-la um dia. Eu tive medo de perder um emprego novo quando você nasceu e pensei que minha irmã e o marido dela pudessem ser pai e mãe para você, pois eu não tinha um pai para lhe oferecer.”

“Quando Noêmia me escreveu que você estava sendo criada num orfanato, meu coração gelou de medo, mas ela me assegurou que você estava sendo bem tratada, aprendendo muitas coisas e eu me conformei. Suponho que você esteja novamente com ela. Por favor, me perdoe por ter tomado a decisão errada. Através de suas palavras eu entendi que você teria preferido ficar comigo...”

Lágrimas corriam pelo rosto de Lorena enquanto ela estava lendo a carta.

E, novamente, lágrimas escorriam de seus olhos no dia seguinte, quando – em frente da igreja, sentada num tronco – ela lia a carta para Soca:

“Se eu soubesse,” continuava na carta “o quanto uma mãe ama

seu filho, ao ponto de fazer qualquer coisa e abdicar de tudo, eu não teria deixado as coisas tomarem esse rumo. Só descobri, quando já era tarde demais. Pela sua carta pude sentir que não há dor maior para uma mãe do que saber que sua criança está sofrendo.”

“Enquanto eu ainda estava no hospital com você – seu pai nos deixou. Ele me contou que tinha outra mulher e outros filhos com ela, no sul do país. Naquela época eu fiquei angustiada e pensei que não conseguiria carregar esse peso sozinha. Quando você estava nos meus braços, contava seus dedinhos fininhos, repetidamente, agradecendo a Deus por cada um deles e, por estarem todos ali... Pensava, o tempo todo, como seria sua vida um dia, desejando, ardentemente, que fosse boa...”

Lorena não conseguiu continuar a ler porque os olhos estavam marejados de lágrimas e a voz engasgada na garganta. Ela pousou a carta no colo.

Soca segurou uma de suas mãos e a tocou suavemente. “O assunto mais incompreensível nesse mundo”, murmurou ele “é o amor. O amor de uma mãe. O amor de Deus. Sem merecimento. Um amor pelo qual você não trabalhou nem pagou por ele. Um amor que é dado gratuitamente.”

Lorena estava sentada no tronco da árvore olhando para ele e pensando, como este senhor idoso havia se tornado o seu avô, aquele que ela nunca teve. Ele era muito magrinho e parecia bastante frágil.

“Soca, você está se sentindo bem?” perguntou ela de repente, ansiosa.

Mas Soca não estava a ouvindo. Ele estava pensando: “Quando colocamos as dificuldades que atravessamos nas mãos de Deus, elas se tornam combustível para o motor da nossa luta, que é o nosso coração...”

“Sabe qual é a última frase da minha mãe, Soca?” “*Que os Anjos de Deus a protejam!*” “Quando estávamos soterrados embaixo dos

entulhos e areia, um desses anjos guiou as minhas mãos no escuro e se tornou a minha luz. E quando fugi de Alfredo, um anjo pulava junto comigo, ao meu lado...”

Soca sorria radiante. “Nos meus dias mais tristes, Deus tinha um anjo pronto para mim. Quem sabe, um anjo na forma de um ser humano...”

A gaiola dourada

Lorena decidiu ir procurar o endereço que havia na carta de sua mãe. Ela encontrou a rua, calma e arborizada e tocou a campainha de uma casa grande, imponente, embora esmaecida e um pouco sinistra. A casa estava precisando de uma boa pintura.

No início nada aconteceu. Lorena teve que tocar a campainha novamente. A porta foi aberta, somente uma fresta, pois havia tranca com corrente, e, Lorena, que vivia no morro, onde tudo ficava aberto, ficou admirada.

“O que você deseja?” disse uma voz no escuro.

“Eu vim... eu vim... para visitar o meu pai...”, disse Lorena com toda sua coragem.

“Seu pai?” perguntou a voz pela fresta? “Quem é você?”

“Sou Lorena, filha de Florisvaldo.”

A corrente da tranca foi afastada e um jovem rapaz apareceu na porta semiaberta. “Será que é mesmo você?” E depois de uma pausa longa, olhando-a de cima, abaixo, ele acrescentou: “E, de onde você vem, assim, de repente?”

“Minha mãe me escreveu de Recife e me mandou o endereço.”

Ele entrou. Um rapaz jovem, alto e pesado, com um rosto muito branco. “Ele também era meu pai”, disse ele. “Ele morreu.”

Uma voz de mulher estava chamando de dentro: “Quem é, Jerônimo? Não queremos comprar nada!”

“Eu sei, mãe, eu sei!” gritou ele impaciente. “É a filha do pai, de Recife.”

A mulher que apareceu, chegava até ao cotovelo dele. “Essa menina? Mas ela é morena!”

“Provavelmente ela se parece com a mãe.”

“Como é o seu nome? Porque você nunca apareceu?” perguntou a mulher.

“Não sabia...”

“Não sabia o que? Que Florisvaldo era seu pai? Que ele morreu? É isso? Agora você aparece para receber a sua parte da herança? Aviso desde já, que não será muito!”

Mesmo assim, ela se colocou ao lado e convidou Lorena a entrar. Guiou-a até a sala de jantar que estava mobiliada com móveis escuros, antigos e pesados. A madeira estava lindamente polida e a mesa estava servida para uma refeição.

“Estávamos começando a comer. Você pode comer conosco,” disse a mulher levando-a a uma cadeira. Um prato a mais foi colocado para ela.

Lorena agradeceu, observando com curiosidade essa mulher majestosa. Seus olhos, com olheiras escuras, estavam embutidos em suas cavidades profundas. Lorena se perguntava, se ela era do tipo impetuoso ou se tinha chorado muito. Ela sentiu a carta em seu bolso... “Como seria a sua mãe?... Um dia...”

Havia também duas meninas sentadas à mesa. A mulher apontou para elas e disse: “Essas são nossas gêmeas, Lena e Laura. E esta, meninas, é Lorena de Recife.”

“Não sou, realmente, de Recife, mas nasci lá, sim.” Lorena nunca tinha visto gêmeas tão diferentes. Uma delas era loira e desajeitada, a outra tinha cabelos escuros e era muito ágil em seus movimentos. Ela estava se debruçando sobre um gato amarelo, acariciando-o. Jerônimo estava assoviando entre os dentes. “Lena ama animais. Você deveria

ver os canarinhos dela, ela passa o tempo todo afastando o gato para evitar que ele os assuste. O jardim está cheio de coelhinhos, e, se nós deixássemos, ela teria mais!”

A comida era estranha. Pequenos pedaços de peixe estavam arrumados em intervalos com azeitonas, numa travessa grande e redonda, e pequenos montículos de arroz numa outra. Havia fatias isoladas de beterraba, também. Todos que estavam à mesa pareciam comer pouco. Lorena se perguntava como Jerônimo havia se tornado gordo e pesado com essa dieta?

A senhora disse: “Ele, o meu marido, mencionou você em seu testamento. Consta que seríamos obrigados a cuidar de você, caso você necessitasse e que deveríamos te dar algum dinheiro. Você está precisando de alguma coisa?”

“Não, muito obrigada, senhora, não estou necessitada.”

“Sua mãe cuida de você?”

Lorena olhava para um espelho grande, oval, com uma moldura dourada que estava sobre um aparador. Ela nunca tinha visto algo tão memorável. “Minha mãe..., não,” murmurou ela. “Vivo com a minha tia na favela Céu Azul”. Como ela iria explicar a essa gente que Deus era quem, realmente, estava cuidando dela?

“Numa favela! Deve ser horrível” exclamou Laura, a loira.

“Não é tão horrível, não. É barulhento e alegre na maioria do tempo, exceto quando a casa do vizinho desmoronou por cima da nossa... nessa ocasião sentimos muito medo e havia poeira por toda parte..., mas, todos estamos bem. Eu estou bem e tenho bons amigos.”

“Soca, será que errei em não aceitar o dinheiro deles?” perguntou Lorena no dia seguinte, quando foi visitá-lo em seu barraco, contando da visita dela.

“Hum, não sei.”

“Provavelmente errei, mas senti que o dinheiro não foi oferecido de coração e a ajuda, que não vem do coração não cheira bem...pensei em encontrar o meu pai, alguém da minha família...”

“Dinheiro... muito.”

“Dinheiro vem, dinheiro vai, não importa. Poderia ter dado a você! E você não precisaria mais pedir esmolas!”

Soca abriu a boca querendo dizer algo, mas não disse nada e fechou a boca novamente.

“Este jovem, Jerônimo” explicou ela, “é alto e volumoso. Ele é muito seguro de si e tem uma presença grande. Ele é incapaz de enxergar o outro e esquecer-se de si por um momento.”

“Mas, ele é seu irmão” disse Soca, levantando-se para colocar água numa panela pequena.

Depois de preparar duas canecas, que exalavam um cheiro de café delicioso, Soca sentou-se novamente. “Sabe, Soca, não quero o dinheiro do meu pai! Ele nunca se preocupou comigo, nunca me deu carinho ou afeto. Que eles fiquem com o dinheiro e engordem com ele!”

“O que você faria com o dinheiro, se você o tivesse, minha filha?”

Lorena ainda estava zangada. “Que eles sufoquem nele!” A amargura estava se infiltrando dentro dela como um verme vivo. “Aquele pai, que nunca havia pensado nela... como dóia! Mas, será que foi assim mesmo? Somente Deus poderia saber. Ele, quem sabe de tudo.”

Ela tinha se acalmado novamente. Existia um Pai celestial que sabia de tudo: o quanto ela havia sofrido e o quanto o pai dela sofrera...

Soca dobrou seus dedos em volta do queixo. “Temos que ser absolutamente honestos e enxergar o que está dentro de nos. Será que o meu valor se baseia na quantidade de quartos em que vivo ou no

tamanho das lâmpadas que estão acesas nesses quartos? Ou será que o meu valor provém do fato de que Deus me ama? Igualdade, fraternidade – têm um significado importante dentro da liberdade desse amor.”

Lorena estava olhando para ele, tentando entender.

“E,” continuou Soca, “Deus também dá uma grande variedade de dons e de graças.”

“Me pergunto que dom Ele me deu”, resmungou Lorena.

“Ele lhe deu muita coragem.”

“Neste momento, não sinto coragem nenhuma! No lugar da coragem tenho um vazio no estômago!”

“As graças de Deus são como maçãs na macieira. Você tem que curvar o galho, colher as maçãs, cuidadosamente, e, então as polir até que brilhem.”

Deste modo, passando de um assunto para outro, Lorena, subitamente, observou: “Você está pálido, Soca, há algo errado com você?”

Sorridente ele queria consolá-la: “É a idade, pequena. Sabe, quando não se dorme mais tão bem, embora eu tenha um ótimo travesseiro.” Ele começou a sacudi-lo. “Ele é bom, quando eu morrer, você vai herdá-lo.”

“Você não vai morrer tão cedo” disse ela decidida. “Você é a minha família mais preciosa...”

CHUVA (quatro Hospitais e NENHUM Leito)

Tinha chovido durante três dias. As ruas estavam alagadas e escorregadias; das árvores pingavam gotas de água. As pessoas que estavam na chuva estavam encharcadas, a água, que entrava pela frente das sandálias, saía por trás, pelo salto. Quando estavam calçados com sapatos fechados, estes produziam um guincho – um cântico de chuva - pois a água se acumulava dentro deles e não encontrava saída. Quem podia, ficava em casa. Os motoristas de taxi preferiam não arriscar a transitar nas ruas esburacadas e cheias de poças d'água ou a ficarem ilhados nas inundações provocadas pelo transbordamento dos canais.

“Tenho que ir ver Soca, tia” declarou Lorena. “Estou preocupada. Ele deve estar sem comida se não pôde sair de casa.”

“Leve arroz e feijão numa panela” disse a tia. “Pode levar Pedro também, ele pode ajudar a carregar.”

Pedro era um jovem vizinho de catorze anos. Ele era o proprietário orgulhoso de uma carroça de madeira com três rodas, que ele usava quando trabalhava na feira, levando as compras à casa das pessoas em troca de algum dinheiro. Lorena não pagou nada, afinal, ela era uma amiga.

Eles se puseram a caminho, na chuva. Lorena, Pedro e a carroça. Parte do caminho Pedro deixou Lorena sentar dentro da carroça com a panela de arroz e feijão no colo. Ele ficou atrás, com um pé na borda da carroça e, com o outro, dava impulso, empurrando a carroça com força, procurando evitar as poças d'água. No último pedaço do caminho que levava ao barraco de Soca e que estava íngreme e escorregadio. Lorena desceu da carroça e ajudou a empurrar.

Como sempre, a porta do barraco estava aberta, mas eles encontraram Soca estirado em seu colchão, com os olhos fechados.

“Soca”, chamou e não houve resposta. Lorena colocou a mão sobre a testa dele. “Ele está com febre!” exclamou ela.

“Ele está com a respiração difícil”, observou o menino. “Temos que levá-lo ao hospital.”

“Sim, mas como?”

“Com a carroça, é claro.”

Com cuidado, os dois jovens levantaram o velho e o colocaram na carroça. Apenas suas pernas ficaram de fora. Lorena pegou o cobertor de algodão grosso da cama e o cobriu. A seguir, ela viu o travesseiro e lembrou o quanto ele amava esse velho objeto. Ela levantou a cabeça dele que estava apoiada no fundo duro da carroça, e, com cuidado, acomodou-a no travesseiro.

“Há um hospital grande não muito longe daqui” disse Pedro.

Assim, eles foram para lá, tentando guiar a carroça com cuidado sobre o chão irregular e escabroso, algumas vezes, tendo ambos que levantá-la, dos dois lados. A chuva transformou-se em chuveiros, e, volta e meia Lorena ajeitava a cabeça de Soca sobre o travesseiro.

Na entrada do hospital, o guarda observou: “Este homem não me parece estar muito bem. Vocês têm certeza, de que ele ainda respira?”

A jovem mulher na recepção balançou a cabeça. “Sinto muito, estamos lotados. Não temos mais nenhum leito disponível. Tentem no Hospital Geral, a quatro quadras daqui.”

No Hospital Geral, a situação era a mesma: Não havia leito livre na ala, onde as pessoas, sem renda, são normalmente atendidas.

“Muitos foram feridos na chuva ou por galhos de árvores,” disse o

empregado.

Lorena e Pedro tentaram mais dois hospitais. Em todos, eles recebiam a mesma resposta. Entretanto, estavam, todos, encharcados pela chuva e, também pelo suor. Lorena estava tão preocupada com Soca, que seu coração parecia estar sendo apertado por uma torquês de ferro.

De repente, ela se lembrou da Irmã Ana. “Vamos levá-lo à Irmã Ana” exclamou ela. “Ali ele será aceito e tratado.”

Ela agradecia a Deus, em seu coração, por Pedro ter sido tão paciente. Ainda estava bem longe, mas essa nova esperança os animou.

Ao chegar, e, após Lorena ter tocado a campainha, a porta foi aberta rapidamente. Era ela mesma, a Irmã Ana, que tentava enxergar através da escuridão e da chuva, cada vez mais intensos.

“É você, Lorena! O que a traz aqui com este tempo tão ruim?”

Lorena não conseguiu segurar mais as lágrimas. “Fomos a quatro hospitais” soluçava ela, “e, nenhum havia leito disponível...”

“É isso mesmo...” Irmã Ana abriu a porta totalmente.

IRMÃ ANA

Lorena estava ajoelhada dentro da capela. Duas velas estavam acesas uma de cada lado do altar pequeno. Outra vela, na mesa, estava acesa perto do lugar onde Soca estava deitado.

Pedro tinha voltado para casa com um recado para a tia de Lorena. Lorena ficou.

Depois que eles chegaram à casa da Irmã Ana, esta boa mulher preparou logo uma cama para Soca, onde foi colocado entre lençóis limpos. Lorena já havia contado à Irmã Ana a respeito do velhinho e o quanto ele era uma pessoa especial. Ana havia chamado o médico, permanecendo com os dois jovens, junto de Soca.

Porém, antes que o médico chegasse, Soca tinha sido chamado para a vida eterna. Ele abriu os olhos mais uma vez, sorriu, e os fechou novamente.

Irmã Ana tocou o ombro da Lorena. “Ele foi ao encontro do nosso Pai celestial, filha.”

“Oh, não, Irmã Ana! Por quê?”

“Creio que ele partiu feliz.” E, depois de um tempo, ela acrescentou: “e agora, ele sabe de tudo. Ele sabe do carinho, que vocês, jovens, dedicaram a ele. Ele também sabe do amor de Deus.”

Lorena não conseguia esquecer a frase - “Ele agora conhece o amor de Deus.”

“É isso que você mais queria, Soca, não é? Mas, eu vou sentir muita falta de você... o que eu vou fazer sem você. Você deveria saber disso e não ter ido embora!” Lágrimas escorriam pelo rosto.

Irmã Ana tinha ido dormir, mas Lorena queria ficar perto do velho Soca. A Irmã saiu silenciosamente.

“Veja, Soca, agora você finalmente entrou numa igreja – ou, ainda numa capela,” murmurava ela entre outras coisas. “Você não queria, mas agora você está aqui e tudo está bem, não é? O lugar certo? Você me ajudou tanto, mas quando eu quis lhe ajudar... não consegui... Irmã Ana foi tão boa! Ela disse que você agora sabe de tudo..., mas, onde está o seu travesseiro?” Lorena olhou em volta. Ele não estava na capela, deve ter ficado no quarto. “Vou pegá-lo pra você, Soca. Você não gostaria de ficar sem ele!”

Havia uma luz fraca no corredor. Lorena encontrou o caminho para o quarto onde Soca havia estado deitado na cama, entre os lençóis brancos e limpos. A roupa dele estava dependurada numa cadeira, bem dobrada, e lá estava o seu travesseiro especial.

Lorena o pegou e o levou de volta. Quando ela tentou colocá-lo embaixo da cabeça de Soca, ela viu que uma bainha, na ponta, estava descosturada. “Não tenho agulha ou linha aqui...”

Ao observar a abertura de perto, seus olhos arregalaram-se. “Soca, o que é isto? O que você colocou aqui?”

Ela pegou o travesseiro e começou a sacudi-lo. “Soca, oh Soca!”

Muito dinheiro, notas de valores altos e baixos – caíam do travesseiro, já bastante usado.

Lorena começou a rir. “Oh, Soca – seu malandro. O tempo todo você já tinha tudo isso, seu banco privado – e você disse, que eu deveria tê-lo, quando....”

Devagar, ela colocou o dinheiro de volta e empurrou o travesseiro por baixo da cabeça dele e deu lhe um beijo tímido na bochecha que já estava fria.

“Quem pensaria isso de você – seu avô secreto!”

Na manhã seguinte, Irmã Ana encontrou Lorena adormecida sobre os joelhos, com a cabeça apoiada perto dos braços cruzados de

Soca.

COM OU SEM SAPATOS

Nesta mesma manhã, Irmã Ana explicou os seus planos: viajar para a área afetada no vale do rio São Francisco, que foi alagada. Centenas de pessoas estavam sofrendo por terem perdido suas casas. Elas estavam sendo abrigadas precariamente nas escolas e em prédios municipais, necessitando de comida e cuidados médicos, mas, acima de tudo, de nova esperança e coragem para recomeçarem suas vidas, do nada. Reconstruir o que foi destruído. Elas precisavam saber que outros seres humanos estavam ao lado delas, se preocupando e querendo ajudar e cuidar delas.

“Irei com fé!” disse Irmã Ana. “Vou levar medicamentos e a água desinfetada que temos aqui. Tenho que ir de ônibus, mas ainda não tenho o dinheiro para a viagem. Estou orando para conseguir os recursos necessários.”

Lorena a olhou, boquiaberta. Ela não conseguia entender por que a boa Irmã não parecia estar preocupada. “A fé dela é tão firme”, pensou ela “e o que ela quer fazer não é para si mesma. Me pergunto...”

Outra pessoa estava junto delas, nesta manhã. Era Lourdes, a quem Lorena conhecia bem. Era a filha da família onde ela trabalhou por pouco tempo. As unhas não estavam mais pintadas. Ela estava diferente e parecia muito feliz.

Lourdes havia chegado há alguns dias e se ofereceu para trabalhar junto com a Irmã. “Já estou cansada, entediada e doente por não fazer nada por ninguém” disse ela.

Irmã Ana tinha ido à capela para rezar e agradecer. “Será, Senhor, que estás me oferecendo novas irmãs para trabalhar comigo?” perguntou ela a Jesus, na Cruz. “Esta aqui é muito jovem e não está preparada, mas ela quer – e eu prometo que tentarei cuidar o melhor...”

“Quero ir com você, Irmã!” disse Lourdes durante o café de manhã, “Mas, lógico - desde que saí de casa não tenho dinheiro.”

Lorena olhou para as duas e, gritou bem alto: “Vocês não sabem, mas eu tenho o dinheiro!”

Irmã Ana contemplava os pés descalços enquanto a menina se levantou pulando e correu para fora do quarto, se dirigindo diretamente à capela.

Chegando lá, levantou a cabeça de Soca e pegou o travesseiro. “Você estaria de acordo, não é, Soca?” sussurrou.

Foi assim que Lorena derramou cédulas e mais cédulas de dinheiro de dentro de um travesseiro - engraçado e velho travesseiro - sobre a mesa de café da manhã, da Irmã Ana.

“Também quero ir!” gritou ela, “mas... não tenho sapatos...”

Irmã Ana tinha lágrimas nos olhos e sorria para Lorena não parecendo estar surpresa. “Parece-me, que Deus vai querer você - disse ela - com ou sem sapatos!”

Depois de lerem esta história, talvez possam questionar se ela se trata, principalmente, de sapatos.

Eu apenas desejei compartilhar o que parece ser uma música cantando em meu coração.